

**PAULO FREIRE E A PEDAGOGIA DO MST: CAMINHOS PARA
(RE)PENSAR A FORMAÇÃO HUMANA**

***PAULO FREIRE AND THE MST PEDAGOGY: WAYS TO (RE)THINK
HUMAN TRAINING***

Maria Fernanda dos Santos Alencar¹

Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo²

RESUMO

Este texto analisa a pedagogia do movimento dos trabalhadores Sem Terra (MST) à luz da categoria freireana Ser Mais, considerando a sua constituição no processo de formação humana. É uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico. Compreende-se que a pedagogia do MST, ao se constituir na concepção de formação omnilateral, acolhe a categoria Ser Mais, apresentando contribuições para a formação humana dos seus militantes; empoderando-os da consciência crítica e da necessidade de se lutar por direitos humanos, sociais, civis e políticos.

Palavras-chave: Paulo Freire; Ser Mais; Pedagogia do MST.

ABSTRACT

This text analyzes the pedagogy of the Landless Workers' Movement (MST) in the light of the Freirean category "Ser Mais" (Be more), considering its constitution in the process of human formation. It is a qualitative research, with a bibliographic character. It is understood that the pedagogy of the MST, when being constituted in the conception of omnilateral formation, welcomes the Ser Mais category, presenting contributions to the human formation of its militants; empowering them with critical awareness and the need to fight for human, social, civil and political rights.

Keywords: Paulo Freire; Ser Mais; Pedagogy of the MST.

1 INTRODUÇÃO

¹ Doutora em Ciências da Educação - Universidad del Mar -Udelmar-Chile. Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia- NFD/CAA/UFPE e do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste –CCSA/UFPE. Líder do Grupo de Estudo Pesquisa e Extensão em Educação do Campo e Quilombola (GEPECQ). Membro da Diretoria do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas. Email: fernanda.alencar@ufpe.br

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste (UFPE - CAA). Licenciado em Filosofia pela Faculdade São Bento da Bahia. Bacharel em Teologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Bolsista FACEPE. Email: allandiego_st@hotmail.com

Este trabalho, resultado de estudos desenvolvidos na disciplina Educação do Campo, do Mestrado em Educação Contemporânea, da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA), parte de pesquisa sobre as contribuições da Educação Popular para o processo de emancipação do sujeito por meio de propostas contra-hegemônicas de educação. No diálogo entre os conhecimentos promovidos, objetiva trazer as contribuições de Paulo Freire na formação-vocação ontológica dos seres humanos serem mais.

Neste sentido, temos como objetivo geral analisar a pedagogia do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) à luz da categoria freireana Ser Mais, considerando a sua constituição no processo de formação humana. Desta forma, guiados pela questão – como (re)pensar a formação humana, a partir da Pedagogia do MST, considerando a categoria freireana Ser Mais? – se estrutura como uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, realizada por meio do levantamento do que já foi elaborado sobre a categoria Ser Mais e a sua relação com a Pedagogia do MST.

A escolha do tema se deve ao fato de considerarmos que a pedagogia do MST contribui para a formação humana dos seus militantes de modo a empoderá-los da consciência crítica, da autonomia e da necessidade de se lutar para conquistar direitos humanos, sociais, civis e políticos. Desta forma, desenvolve, em seus militantes, a compreensão do caráter educativo e pedagógico da participação no MST, como um sujeito coletivo estruturado na história, possibilitador de propostas contra-hegemônicas.

Nesse caminho, compreendemos que estudar a categoria Ser Mais, na pedagogia do MST, possibilita aprofundarmos o legado do educador Paulo Freire para o Movimento em uma sociedade guiada pela corrente forte do capitalismo. A partir disso, Caldart (2012, p.21) nos convida a uma *práxis*, quando afirma que “Exatamente porque estamos em perigo, em um momento da história em que o ser humano aparece em perigo; então, estamos sendo convocados a fazer algumas escolhas decisivas sobre como será o futuro da humanidade, de todos nós.”.

É nesse caminho que se faz necessário (re)pensar a formação humana nos espaços escolares ou extraescolares, com a pretensão de constituir reflexões críticas sobre os processos

desumanizantes e humanizadores. Por isso, urge produzir conhecimento que englobe a luta do cidadão, que fortaleça sua vocação própria de Ser Mais (FREIRE, 1994, p. 99), por uma educação humanizadora.

A pesquisa será constituída, além de Freire (1980; 1982; 1983; 1993; 2011), por autores que podem nos ajudar a compreender os movimentos sociais e a sua contribuição para uma pedagogia contra-hegemônica e as condições da construção da humanização: Caldart (2012) e Arroyo (2012) e também por material escrito sobre a Pedagogia do MST elaborado pelo próprio movimento (1996; 2001).

1 CATEGORIA FREIREANA SER MAIS: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO HUMANA

Para iniciar este itinerário acerca das compreensões da categoria Ser Mais, abrimos as “cortinas” epistemológicas acenando a importância do pensamento freireano para a história da humanidade desenhada libertadoramente em suas Pedagogias (obras). Com esse intento, ilustra João Francisco de Souza (2001, p. 59):

O pensamento de Paulo Freire nos leva à redescoberta da integralidade do ser humano. Na verdade, um pensamento que provoca a mudança não apenas da cabeça (o conhecimento); destina-se a contribuir com a construção da integralidade do ser humano, quer atingir o coração (o emocionar-se) e as mãos (o agir).

Como afirmado por Souza (2001), o pensamento freireano possibilita diversos horizontes transformadores no próprio ser humano presente no mundo. Por isso, compreende-se que não é possível percorrer a categoria Ser Mais sem antes questionar as veredas que todo ser humano percorre cotidianamente por meio da experiência existencial, a construção da própria identidade e os encontros sociais que favorecem a existência humana em dialéticas.

Pensar a categoria Ser Mais é escancarar a existência humana por completo para perceber como cada um presente na história escolhe, toma decisões, encara as possibilidades, transformando-as, transgredindo-as, fazendo e refazendo percursos humanos. Assim, parece ser necessário olhar para o conceito “ser mais”. E, conseqüentemente, voltar o olhar para os passos de quem já iniciou a trajetória do compromisso consigo mesmo de humanizar-se e do engajamento ético no mundo, através da ação-reflexão a qual engendra a caminho da humanização (Ser mais) e enfrenta os possíveis caminhos desumanizadores que, na maioria

das vezes, externos ao ser humano, ousam negar a vida, oprimindo e tornando-o menos. Deste modo, estudar a categoria Ser Mais requer abrir-se às redescobertas do ser humano.

Segundo Bonamigo (2016), a importância do que se tornou mundialmente conhecido como “método Paulo Freire” – mesmo reconhecendo em sua estruturação uma genial e original fecundidade – não reside tanto no método, mas no fato de ser um construto epistemológico consistente que tem como eixo central uma preocupação antropológica profunda, a preocupação com o humano; mas, o humano que não é o resultado do tipo de sociedade e de mundo realizados, historicamente, a partir da inconclusão ontológica do homem. A lógica ontológica do homem é o *ser mais*.

A categoria Ser Mais no pensamento freireano é, portanto, a força propulsora do seu método educativo, que não se restringe à simples instrução do ser humano, mas à própria formação humana, pois provoca o (re)emergir das subjetividades oprimidas na existência delas mesmas, tecendo a sua libertação para fora (na perspectiva da sociedade), e para dentro (na singularidade de cada sujeito), num processo sempre intersubjetivo mediado pelo mundo.

A educação é, neste sentido, o processo de humanização, de libertação da realidade de opressão em que se encontram os sujeitos, de violência que desumaniza tanto o oprimido como o opressor. O projeto pedagógico freireano visa à metamorfose do homem, do mundo humano e da sociedade em termos de libertação – do *ser mais*.

Ao analisar as imbricações entre ética, humanismo e técnica, Fernandes e Silva (2017) encontram na categoria freireana Ser Mais uma chave de leitura para refletir sobre o impacto altamente nocivo de uma formação tecnológica que não leve em conta o ser humano em sua realidade integral, aberta, plural e “em processo”. A ética de Paulo Freire se contrapõe a todos os interesses da técnica que submete homens e mulheres a lógicas que o domesticam e os exploram, desumanizando-os.

Afirmando-se como vocação ontológica para o *ser mais*, a proposta freireana é o caminho da humanização, que rompe com a reificação do humano, ao pautar uma formação que não desconsidere a visão total do ser humano, mas articula saberes e procedimentos técnicos a uma compreensão crítica da realidade concreta.

A partir das leituras, percebe-se que a categoria Ser Mais é de amplitude epistemológica e abarca todas as outras categorias, ou seja, essa concepção reflete o ser humano no modo totalizante, é uma concepção antropológica que compreende o percurso humano levando em consideração sua identidade (eu) e a coletividade desse ser humano.

Na compreensão de Zitkoski (2017, p.369-370) “a categoria *ser mais* encontra-se situada na obra de Freire como um conceito chave para sua concepção de ser humano”. O *ser mais* é compreendido articulando-se com outros conceitos como “inacabamento”, “inédito-viável” “conscientização”, “mundo”, “diálogo” e “possibilidade histórica”. Através dessas relações conceituais, é possível vislumbrar a compreensão freireana de ser humano historicamente lançado ao mundo, aberto a inúmeras possibilidades de vir a ser mais. Assim, entende-se que a materialização desta categoria se dá quando o sujeito, por meio da consciência, age no mundo, melhora a si mesmo e busca a transformação da sociedade.

A categoria Ser Mais, entendida como vocação ontológica do ser humano, é fundamental na compreensão da educação como um projeto libertador. Segundo os autores Melo Júnior e Nogueira (2011), na concepção de Freire, não é possível pensar uma teoria pedagógica que não esteja atrelada à compreensão que se tem do homem e do mundo, e das relações que estabelecem os homens entre si e com o mundo. Constatando-se as condições de opressão em que se encontra boa parcela da humanidade, é necessário compreender a educação como projeto de libertação, no processo de humanização do humano.

O caminho desenhado por Freire para uma educação libertadora é o da passagem de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, que seja capaz de tornar os educandos sujeitos do processo educativo e de sua própria história. A promoção dessa consciência crítica se estabelece no processo de conscientização e diálogo, como denúncia de toda estrutura opressora e desumanizante e anúncio de uma nova estrutura humanizante. É nessa passagem que se expressa o início da libertação dos seres humanos em direção à sua plena humanização.

A partir do reconhecimento de sua própria condição histórica, o sujeito/educando vai poder transformar a sua própria realidade, pela via da reflexão e da ação. É numa relação dialógica e horizontal entre os educadores e os educandos que se dar este processo de conscientização. Os educadores ajudam a criar as condições necessárias para que os

educandos – como seres humanos abertos, inacabados, em busca de sua autorrealização – tomem consciência de sua situação histórica e tornem-se sujeitos do seu próprio processo educativo, cumprindo a sua vocação ontológica de *ser mais*. Vê-se, com isto, que Freire aposta um sentido antropológico à existência humana.

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do *ser mais*. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero (FREIRE, 1993, p.30)

Neste caminho, Paulo Freire traz suas contribuições, possibilitando por meio de suas obras, fazer com que possamos refletir sobre o papel da Educação para a destituição de nossa condição de seres desumanizados, cumprindo a vocação ontológica de sermos mais. É neste aspecto que buscamos compreender de que forma a pedagogia do MST constitui a vocação ontológica e promove a formação humana na perspectiva de sermos mais.

2 A PEDAGOGIA DO MST EM DIÁLOGO COM FREIRE PARA A FORMAÇÃO HUMANA

Após as reflexões sobre a vocação ontológica do ser humano de *ser mais*, faz-se pertinente, a partir deste estudo, compreender a concepção de formação humana. Por conseguinte, essa perspectiva gera inquietações que mobilizam a pensar como, na contemporaneidade, tem se refletido e vivenciado a formação humana. Como essa é compreendida, hoje, nos espaços formais? A formação humana nos espaços escolares estaria reduzida ao princípio da formação profissional? E nos espaços informais? E como esse ser humano é formado integralmente para viver sendo mais no mundo? Contudo, esses questionamentos não serão respondidos neste estudo. Entretanto, ao refletir a Pedagogia do MST e a compreensão de formação humana, repensaremos que a formação humana ultrapassa os ideais de homens e mulheres formando-se para o mundo do trabalho³. A formação humana

³Ao apresentarmos a discussão da relação entre formar para o mercado de trabalho e o mundo do trabalho, acolhemos a perspectiva de Frigotto (2005, p. 31-32) que nos diz que “A qualificação humana diz respeito ao desenvolvimento de condições físicas, mentais, afetivas, estéticas e lúdicas do ser humano (condições omnilaterais) capazes de ampliar a capacidade de trabalho na produção dos valores de uso em geral como condição de satisfação das múltiplas necessidades do ser humano no seu devenir histórico. Está, pois, no plano

é a construção educativa da boniteza da humanização e do confronto revolucionário com os processos desumanizadores para que esses cessem. A respeito do conceito de formação humana e as questões enunciadas acima, Coelho (2009) reflete:

A formação humana é entendida em seus sentidos plenos de emancipação pessoal e participação ativa na construção da sociedade democrática, conjuntamente com o desenvolvimento e apropriação crítica do conhecimento científico e tecnológico, rompendo-se o domínio “racional” no fundamento do desenvolvimento capitalista e a sua correlata expansão do arbitrário dos aparelhos de poder. Como tal deve ser foco central nas funções da instituição educativa. Portanto, é necessário analisar criticamente a qualidade e a relevância sociais e científicas dos conhecimentos produzidos e reproduzidos. E, mais profundamente, urge indagar sobre o valor da formação profissional, para atendimento de necessidades e urgências imediatas da vida econômica, considerando como essencial o sentido mais amplo da formação do sujeito ético e político. (COELHO, 2009, p. 25).

No mesmo viés do processo de compreensão da humanização e da formação humana, o MST constitui sua Pedagogia assentada na concepção de formação omnilateral que considera o ser humano em sua integralidade. Dessa forma, é possível pensar a categoria Ser Mais em diálogo com a formação humana de caráter omnilateral. Sobre essa formação o MST (1996) afirma:

Estamos defendendo então que a educação no MST assuma este caráter de omnilateralidade, trabalhando em cada uma de suas práticas, as várias dimensões da pessoa humana e de um modo unitário ou associativo, em que cada dimensão tenha sintonia com a outra, tendo por base a realidade social em que a ação humana vai acontecer. Algumas dimensões principais que queremos deixar em destaque aqui: a formação técnico-profissional, a formação do caráter ou moral (valores, comportamentos com as outras pessoas); formação cultural e estética; formação afetiva; formação religiosa (MST, 1996, p. 8).

Neste sentido, há a compreensão de que temos um sujeito ativo, que interage e age em suas diversas situações e necessidades porque o mundo não está acabado, pronto, imutável; mas se movimenta; e esse movimento, em suas dimensões, contribui para formar as várias dimensões da pessoa humana por meio de seu pensar sobre as estruturas e a realidade. É nesse caminho -de uma educação omnilateral- que se estrutura a pedagogia do MST, visando outro projeto de sociedade.

Esse projeto de sociedade e de sujeito emancipado, constituído de direito à terra, ao trabalho e à educação, fez surgir a Pedagogia do MST. Essa pode ser pensada a partir da

dos direitos que não podem ser mercantilizados e, quando isso ocorre, agride-se elementarmente a própria condição humana”.

fundação do Movimento na década de 1980, pois foi sendo tecida. Historicamente, através das lutas e das necessidades das famílias nos Assentamentos.

Arroyo (2012) assevera que o MST é um Movimento pedagógico, pois possibilita diversas atividades de aprendizagens formais e não formais. Segundo o MST (1996, p. 4),

Os princípios filosóficos dizem respeito a nossa visão de mundo, nossas concepções mais gerais em relação à pessoa humana, à sociedade, e ao que entendemos que seja educação. Remetem aos objetivos mais estratégicos do trabalho educativo no MST.

E os “princípios pedagógicos se referem ao jeito de fazer e de pensar a educação, para concretizar os próprios princípios filosóficos” (MST, 1996, p. 4). Apresenta ainda que seus princípios educativos e pedagógicos sejam alicerçados na concretude da realidade histórica, pois “[...] são o resultado de práticas realizadas, das experiências que estamos acumulando nestes anos de trabalhos” (MST, 1996, p. 4). Os princípios correspondem a: “[...] algumas ideias/convicções/formulações que são as balizas (estacas, marcos, referências) para nosso trabalho de educação no MST. Neste sentido, eles são o começo, o ponto de partida das ações”. (MST, 1996, p. 4).

28

No decorrer da história das lutas pela Reforma Agrária, o MST fortalece seus modos de materializar condições de transformação humana por meio de sua Pedagogia educativa e visa transformar indivíduos e coletivos novos para um projeto societário novo. Ver-se com isso a sua importância:

O MST tem uma pedagogia. A pedagogia do MST é o jeito do qual o Movimento historicamente vem formando o sujeito social de nome Sem Terra e que no dia a dia educa as pessoas que dele fazem parte. E o princípio educativo principal desta pedagogia é o próprio movimento. É para esta pedagogia, para este movimento pedagógico que precisamos olhar para compreender e fazer avançar nossas experiências de educação e de escola. A pedagogia do MST, hoje, é mais do que uma proposta. É uma prática viva, em movimento. É desta prática que vamos extrair as lições para as propostas pedagógicas de nossas escolas, nossos cursos, e também para refletirmos sobre o que seria uma proposta ou um projeto popular de educação para o Brasil (MST, 2001, p. 19).

Nesse processo, o MST traz as discussões e reflexões propostas por Freire para o fortalecimento de sua proposta pedagógica no sentido de efetivar uma pedagogia do MST. Desta forma, Paulo Freire contribui no sentido de repensar a formação humana. Neste sentido, em uma de suas últimas entrevistas, Freire abordou a importância do MST para o processo de democratização do País. O pedagogo reconhece que a dinâmica do Movimento suscita

esperança para a construção social de nova realidade, sobretudo, por meio do empenho nas marchas. Deste modo, expõe:

Se os Sem Terra tivessem acreditado na “morte da história”, da utopia, do sonho; no desaparecimento das classes sociais, na ineficácia dos testemunhos de amor à liberdade; se tivessem acreditado que a crítica ao fatalismo neoliberal é a expressão de um “neobobismo” que nada constrói; se tivesse acreditado na despolitização da política, embutida nos discursos que falam de que o vale hoje é “pouca conversa, menos política e só resultados”, se, acreditando nos discursos oficiais, tivessem desistido das ocupações e voltado para suas casas, mas para a negação de si mesmos, mais uma vez a reforma agrária seria arquivada. A eles e elas, Sem Terra, a seu inconformismo, à sua determinação de ajudar a democratização deste país devemos mais do que às vezes podemos pensar. E que bom seria para a ampliação e a consolidação de nossa democracia, sobretudo para sua autenticidade, se outras marchas se seguissem à sua. A marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem teto, dos sem escola, dos sem hospital, dos renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível. (FREIRE, 2005, p.48-49).

Como exposto acima, é possível perceber o quanto Freire acreditava no projeto filosófico e pedagógico compromissado com as lutas por transformações cunhadas pelo MST. O Movimento também reconhece o potencial político, progressista, crítico, humanizador, emancipatório e transformador da Pedagogia freireana. Uma das obras que mais suscitam reflexão e alicerçam as discussões políticas e educativas dentro no MST é a Pedagogia do Oprimido, pois, a partir dos conceitos dessa obra, o MST leva para os assentados/as a formação libertadora e crítica da realidade das estruturas sociais que se fundamentam nos princípios do capitalismo. Assim, os conceitos da Pedagogia do Oprimido foram se tornando mais consistentes à luta histórica e popular.

No âmbito dos espaços formais, o MST luta para que as escolas cheguem ao campo. Não é, porém, qualquer tipo de escola municipal, ou estadual que o Movimento almeja para seus militantes. A luta constante é que essas escolas tenham outro ritmo que não seja aquele da escola burguesa que se alicerça em padrões ideológicos desumanizadores.

A partir disso, Dalmagro (2011, p. 74) afirma: “pensamos que é a articulação da escola com o sentido emancipatório latente na luta do MST que mais faz esse projeto de escola transcender a estrutura burguesa”. Nesta perspectiva, Dalmagro (2011, p.49) ainda afirma que o MST em diálogo com a escola do assentamento, ou acampamento possibilita a unidade entre saber e fazer “que funda a educação omnilateral, o desenvolvimento das múltiplas

potencialidades humanas hoje sufocadas”. Com isso, o ambiente escolar é repensado de forma integral, buscando permitir a formação humana dos sujeitos.

Para o MST, os espaços de educação não formais também se tornam um *locus* de educação, pois dão continuidade a formação das famílias do MST. Nos espaços de assentamentos e acampamentos acontecem diversas formações políticas, estudos, reuniões e cursos. Essas práticas educativas possibilitam o reconhecimento do Movimento como sujeito educativo e, por isso, sua identidade em contato com as escolas forjam uma educação com jeito de ser libertador. Para Caldart o MST, em si, é um sujeito coletivo e educativo. Nesse aspecto a autora assevera:

[...] é possível pensar que o sujeito educativo ou a figura do educador não precisa ser necessariamente uma pessoa, e muito menos necessariamente estar na escola ou em outra instituição que tenha finalidades educativas. **Uma fábrica também pode ser olhada como um sujeito educativo** (Kuenzer, 1985); **da mesma forma, um sindicato, um partido (Gramsci), as relações sociais de produção, um movimento social. E, se o que está em questão é a formação humana, e se as práticas sociais são as que formam o ser humano, então a escola, enquanto um dos lugares dessa formação, não pode estar desvinculada delas.** (CALDART, 2012, p. 320 – grifos nossos).

O MST, por meio da luta pela terra, também dinamizou os elementos da sua própria Pedagogia para que seus militantes tivessem formação política e se envolvessem num projeto de luta social em prol da libertação; no caso, a luta contra os latifundiários e governos os quais não os reconhecem como cidadãos de boa conduta. Muitas são as críticas e estereótipos sofridos pelos Sem Terra, mas mesmo com esse olhar pejorativo voltado para os assentados/as, são audaciosos ao vivenciarem sua identidade de Sem Terra, a partir de uma proposta pedagógica que emerge de sua Pedagogia própria. Essa proposta pedagógica libertadora, logo humanizadora, na formação humana de caráter omnilateral, pode ser refletida à luz dos caminhos do anunciar à humanização, apontados por Mendonça (2008), quando elege categorias para a compreensão da materialização do *ser mais*: conscientização, diálogo, utopia e multiculturalismo. Acrescenta-se, também, coletividade e organicidade.

O militante do MST é educado para a ação transformadora na escola e na vida, isto é, a prática social, tanto os espaços formais como não formais, são a base do seu processo formativo. Deste modo, a Pedagogia do MST possibilita a libertação de muitas “amarras” e

essa “ocorre em uma *práxis* histórica quando implica uma consciência crítica da relação implícita entre consciência e mundo” (FREIRE, 1985, p. 114).

Assim sendo, os Sem Terra, imbuídos da formação humana omnilateral, buscam, por meio da consciência, mudar a realidade, tendo como princípio a responsabilidade. Os novos homens e mulheres engajados socialmente, guiados pela Pedagogia do MST, percorrerão o caminho da problematização da realidade e, assim, poderão trilhar o caminho da existência em vista do melhoramento individual, coletivo e de projeto de sociedade com princípios humanizadores. O ser humano, consciente de sua presença no mundo, pode saborear a boniteza das possibilidades com posicionamentos revolucionários e de confiança, alicerçada no verbo “esperançar”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pedagogo Paulo Freire tornou-se, através de suas obras educacionais e críticas, um personagem importante para o MST e, assim, contribuiu de forma considerável para a solidificação dos princípios pedagógicos do Movimento.

No presente texto, ao refletir a categoria Ser Mais, é possível pensar que essa contribuiu para a compreensão de um dos objetivos do MST, que é formar homens e mulheres para uma nova sociedade. É a consciência da realidade, a busca pela transformação de si e a mudança social que permite ao homem fazer da sua experiência no mundo um percurso para o *ser mais*. Assim sendo, compreende-se que os/as assentados/as e acampados/as, conscientes da sua história e possibilidades na história, colocam-se no processo de luta e (re)existência de si mesmos.

Os Sem Terra, situados no mundo, conscientes de suas necessidades e organizados coletivamente para o enfrentamento contra o latifúndio e o capitalismo opressor, conhecem os seus direitos e deveres. Por isso, a *práxis* do sujeito coletivo está imbuída de engajamento, compromisso, compreensão e consciência política, empoderamento e emancipação. A consciência individual e coletiva dos militantes do MST, a partir da identidade Sem Terra, apodera-se da constante abertura à formação humana, pois a todo momento estão formando-se

através de práticas educativas escolares e não escolares dentro do próprio assentamento e acampamento. Assim, tanto os indivíduos como o coletivo são sujeitos educativos que vão tecendo novos olhares e experiências sobre o mundo. Vão, portanto, amadurecendo seus lugares no mundo, sendo melhores, sendo mais.

(Re)pensar a formação humana a partir da proposta pedagógica do MST, levando em consideração o legado freireano, sobretudo, no que tange à categoria Ser Mais, permite repensar o sistema educacional e os meios de relação da sociedade no sentido de tecer *práxis* contra-hegemônicas abalizadas de humanismo.

Deste modo, é imprescindível e atual a reflexão freireana acerca do homem contemporâneo imerso no mundo de mudanças e incertezas e, assim, na busca constante de *ser mais*, lutar e resistir contra projetos ideológicos desumanizantes. Portanto, o pensamento freireano possibilita a reinvenção dos Sem Terra que em marchas, lutas e resistência estão formando-se, humanizando-se e, mormente, contribuindo com a realização de uma história de sujeitos autônomos, libertados, problematizadores, humanizados e sujeitos individuais e coletivos responsáveis pela luta popular que forja caminhos para que homens e mulheres sejam mais.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Prefácio. In: CALCART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

BONAMIGO, Gilmar Francisco. Da MínimaMoralia de Paulo Freire. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 243-270, jan./abr. 2018.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

DALMAGRO, Sandra Luciana. A escola no contexto das lutas do MST. In: VENDRAMINI, Célia Regina; MACHADO, Ilma Ferreira (Orgs). **Escola e Movimento social: a experiência em curso no campo brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

FERNANDES, Rodrigo Rafael e SILVA, Sidney Reinaldo da. “Ser mais” na obra de Paulo Freire: relações entre ética, humanismo e técnica. **Revista Científica Interdisciplinar - Instituto Federal do Paraná - IFPR Paranaguá**, v. 2, n. 1. Agosto, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Série Ecumenismo e Humanismo, v. 5. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **The politics of education: culture, power, and liberation**. Westport, CT: Bergin and Garvey, 1985.

_____. Segunda cartão do direito e do dever de mudar o mundo. In: CALDART, RoseliSalette; KOLLING, Edgar Jorge (Orgs.). **Paulo Freire um educador do povo**. São Paulo: Associação Nacional de Cooperação agrícola, 2005.

FRIGOTTO, G. Estruturas e sujeitos e os fundamentos da relação trabalho e educação. In: SANFELICE, J. L.; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, Histedbr, 2005

MENDONÇA, Nelino Azevedo de. **Pedagogia da Humanização – A pedagogia humanista de Paulo Freire**. São Paulo: Paulus, 2008.

MELO JÚNIOR, Ebenezer da Silva e NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. A Humanização do ser humano em Paulo Freire: a busca do “Ser Mais”. **Revista Formação@Docente – Belo Horizonte** – vol. 3, n. 1, dezembro 2011.

33

MST. **Princípios da Educação no MST**. Caderno de formação n. 8. São Paulo, 1996.

_____. **O que queremos com as escolas de assentamentos**. Caderno de formação n.18. 2001.

SOUZA, João Francisco de. **Atualidade de Paulo Freire. Contribuições ao debate sobre a educação na diversidade cultural**. Recife: Bagaço, 2001.

ZITKOSKI, Jaime José. SerMais. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. **Dicionário Paulo Freire**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Submetido em: 19/12/2018

Aprovado em: 06/02/2019